

A Eficácia Epistêmica da Estupidez

C. Elgin

1. Embarços da inteligência

Sócrates sustentava que ele era o mais sábio dos homens porque apenas ele sabia que nada sabia. Embora essa sua confissão seja normalmente tomada como irônica, ele podia estar dizendo a verdade. Pois as teorias do conhecimento correntemente populares têm a surpreendente consequência de que a estupidez pode melhorar, e a inteligência piorar, as possibilidades de alguém com relação a conhecimento. Assim, se alguma dessas teorias está correta, Sócrates pode ter conhecido menos do que os outros precisamente porque ele era mais sábio do que eles.

Mostrarei que um involuntário viés em favor da estupidez é uma característica de teorias do conhecimento tanto internalistas quanto externalistas. Isso é derivado das convicções compartilhadas de que (a) nossa meta epistêmica é crer (ou acreditar) em uma sentença se ela é verdadeira, e rejeitá-la (ou desacreditá-la) se ela é falsa, e (b) o padrão para a aceitabilidade não pode ser posto muito alto, ou o ceticismo irá prevalecer. A inutilidade epistêmica da inteligência que se segue daí não é a conclusão fatalista do cético, de que já que ninguém sabe nada, idiotas não estão se dando pior do que o restante. É, sim, o resultado ainda mais desconcertante de que, uma vez que qualidades do intelecto tais como sensibilidade, amplitude e agudeza lógica frequentemente interferem com a satisfação das exigências para o conhecimento, indivíduos deficientes de tais qualidades podem, então, ter uma vantagem epistêmica. A busca por conhecimento pode portanto ser favorecida pelo cultivo da obtusidade.

Seria tedioso demonstrar que isto segue de todas as teorias do conhecimento. Escolhi então focalizar quatro delas—duas externalistas e duas internalistas. Elas representam tendências dominantes na teorização epistemológica contemporânea. E os problemas que encontro nelas não são problemas ligados a detalhes. Assim, se todas as quatro implicarem que deficiências cognitivas são conducentes ao conhecimento, haverá então razão para se suspeitar que um comprometimento com a eficácia epistêmica da estupidez é endêmica à epistemologia corrente. Mais no fim deste capítulo eu considerarei o que fazer com esse achado.

Epistemólogos contemporâneos concordam pelo menos nisso: conquanto boas sejam as bases de alguém para p , não se pode saber que p se p é falsa; portanto conhecimento requer verdade. Além disso, ninguém pode saber que p sem estar cognitivamente comprometido com p ; conhecimento também requer crença ou aceitação. E uma pessoa não pode saber que p se a crença verdadeira que ela tem, de que p , se produziu de maneira acidental; isto implica que conhecimento exige uma amarra.

Internalistas consideram que esta amarra seja epistêmica. Conhecimento, sustentam, é amarrado por uma justificação que é epistemicamente acessível ao sujeito que conhece. Discordâncias entre eles dizem respeito aos critérios para a acessibilidade epistêmica e a extensão da informação acessível que o sujeito tem que levar em conta. Assim, eles diferem acerca do status epistêmico de, por exemplo, implicações não-reconhecidas de coisas que se sabe explicitamente, ou de evidências corrosivas que alguém não possui, mas poderia possuir.

Os externalistas consideram que a amarra seja metafísica. Pois eles argumentam que para uma crença verdadeira ser conhecimento ela tem que ser necessariamente conectada ao fato que a torna verdadeira, ou aos fatos dos quais sua verdade deriva. Eles discordam quanto ao tipo de necessidade exigida, mas concordam que ela não precisa ser do conhecimento do sujeito. Um indivíduo pode saber que p mesmo que ele desconheça que sua crença de que p está apropriadamente relacionada aos fatos. Alguns consideram que a amarra metafísica, conhecida ou desconhecida, constitui justificação para uma crença, assim admitindo que uma justificação pode ser epistemicamente inacessível. Outros seguem o internalismo exigindo que a justificação seja epistemicamente acessível, mas negando que essa justificação seja parte integral de um ou necessária a um conhecimento. Para evitar confusão, falarei de amarras externas, deixando em aberto a questão de se u'a amarra para uma crença a justifica.

2. Conhecimento vindo de fora

Teorias causais do conhecimento sustentam que, para um sujeito saber que p , sua crença verdadeira de que p deve se causada pelo fato de que p , ou por fatos dos quais p se deriva.¹ Versões sofisticadas exigem que a conexão causal seja na forma de uma lei, de forma que o conhecimento não pode resultar de uma mistura fortuita de circunstâncias. Tais teorias explicam o conhecimento por inferências afirmando que relações lógicas e inferenciais podem ser partes de cadeias causais.

Então, de acordo com uma teoria causal, minha crença verdadeira de que há uma superfície amarela à minha frente é causada por uma resposta neurofisiológica à presença de amarelo em meu campo visual. Uma seqüência de eventos ópticos e neurais ligando a superfície a um estado cerebral é responsável pela produção da minha crença. Se essa seqüência instancia uma lei natural, eu sei que a superfície é amarela. Não é um acidente que eu acredito no que acredito; pois, dadas as leis da natureza e as circunstâncias nas quais me encontro, minha crença é uma conseqüência necessária do fato de que a superfície é amarela.

Tais conexões causais são comuns. Não é um acidente que percebedores normais crêem tipicamente que os objetos são das cores que verdadeiramente são; pois suas crenças são normalmente causadas pela resposta, governada por uma lei, do sistema nervoso humano diante da presença daquelas cores. Sendo assim, os teóricos causais argumentam, percebedores normais geralmente conhecem as cores

¹ Alvin Goldman, “A Causal Theory of Knowing”, *Journal of Philosophy* 64 (1967), pp. 357-372; e “Discrimination and Perpetual Knowledge”, *Journal of Philosophy* 73 (1976), pp. 771-791.

dos objetos que percebem. Como teorias causais não exigem justificção epistemicamente acessível, elas podem admitir que pessoas não inteligentes e irreflexivas estão com frequência em posição de conhecer. Watson é tão capaz quanto Holmes de conhecer que a superfície diante dele é amarela. E isso é como deveria ser. Virtuoso cognitivo é praticamente desnecessário para conhecimentos desse tipo.

Mas aparentemente as conclusões paralelas são menos confortáveis. Considere uma que envolve o sentido do paladar. Podemos supor que Holmes é um enófilo, enquanto Watson ignora tudo menos as mais óbvias diferenças entre vinhos. Os dois compartilham uma garrafa de Bordeaux e, porque as terminações nervosas apropriadas são estimuladas, ocasionando as conexões neurológicas devidas, os dois são levados a crer que estão bebendo um Bordeaux (para tornar a imagem mais vívida, podemos assumir que as reações deles não diferem neurologicamente). De acordo com as teorias causais, tanto Holmes quanto Watson sabem que o vinho que estão tomando é um Bordeaux. O fato de que Watson não consegue distinguir um Bordeaux de um moscatel não o impede de conhecer sobre aquele vinho, pois isso não interfere na cadeia causal que o leva à sua crença corrente. E a menos que estejamos preparados para concluir que a Holmes falta conhecimento, não podemos rejeitar a cadeia de eventos neurológicos como anômala. Se uma lei causal é instanciada na produção da crença de Holmes, ela é instanciada na produção da crença de Watson, pois suas reações neurológicas não são diferentes. Se Holmes sabe o que está bebendo, então Watson também sabe.

Segue-se das teorias causais que os sujeitos podem esbarrar em conhecimento. Dada a insensibilidade de Watson a distinções entre vinhos, é acidental que a cadeia causal legítima resulta em uma crença verdadeira. A despeito de sua impecável origem, a crença de Watson é inafiançável.

A convicção de que inafiançabilidade torna impossível o conhecimento leva alguns externalistas ao confiabilismo—a visão de que o conhecimento depende de uma relação da crença com a verdade em circunstâncias contrafactuais tanto quanto em circunstâncias presentes. Do um ponto de vista confiabilista, uma crença devidamente amarrada é, grosseiramente falando, uma que o sujeito ancoraria se fosse verdadeira, e não ancoraria, pelo menos em relação a essa amarra, se fosse falsa.² A verdade de uma crença devidamente amarrada não é um acidente, pois tal crença rastreia verdade em mundos possíveis.

O confiabilismo conclui – corretamente, ao que parece—que Watson não conhece, pois ele acreditaria que estaria bebendo um Bordeaux mesmo se estivesse bebendo um moscatel. O problema é que Holmes aparentemente não vai melhor. Embora ele possa distinguir um Bordeaux de um moscatel, ele não pode infalivelmente discriminar um Bordeaux de todas as outras fontes de estimulação sensorial. Então Holmes, como Watson, falha no teste subjuntivo; há Bordeaux que ele acreditaria ser não-Bordeaux.

² Robert Nozick, *Philosophical Explanations* (Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1981), pp. 172-196, e Fred Dretske, “Conclusive Reasons”, *Australian Journal of Philosophy* 49 (1971), pp. 1-22.

De fato, uma exigência subjuntiva vigorosa parece praticamente impossível de satisfazer. Dessa forma os confiabilistas moderam suas exigências restringindo o escopo das condições contrafactuais a alternativas relevantes. A crença de Holmes não precisa rastrear a verdade através de campos minados dispostos por demônios malévolos de forma a se qualificar como conhecimento.

Suas perspectivas epistêmicas dependem claramente de quais alternativas contam como relevantes. Se o conhecimento tem que ser possível de alguma forma, os espectros do cético – as maquinações de demônios malévolos e neurocirurgiões manipuladores – devem ser excluídas como irrelevantes. Se todos os outros vinhos existentes são alternativas relevantes para Holmes, então, para conhecer, ele precisa ter a habilidade de discriminar entre Bordeaux e qualquer outro vinho. Os obstáculos ao conhecimento continuam então tremendos. Mas a classe das alternativas relevantes pode ser ainda mais estreita. Talvez seja limitada aos vinhos que provavelmente Holmes conheça, ou ainda aos vinhos de sua própria adega. Então seus poderes de discriminação não necessitam ser tão grandes. Se ele pode distinguir um Bordeaux de um outro membro de classes razoavelmente restritas de vinhos, ele está em posição de saber o que está bebendo.

As exigências confiabilistas para conhecimento são variáveis, expandindo e contraindo com a extensão das alternativas relevantes. Contra o fundo de um dado conjunto de alternativas, Holmes conhece, contra outro fundo, ele não conhece. De fato, se a extensão é suficientemente restrita ou manipulada, mesmo Watson acaba por conhecer; pois a possibilidade de que o vinho seja um moscatel pode ser excluída como irrelevante. Aparentemente qualquer crença verdadeira pode ser constituída como conhecimento por uma configuração adequada da extensão de alternativas relevantes. O status epistêmico de uma crença verdadeira depende então da escolha de tal extensão, e sem critérios para nos guiar, fica difícil evitar a aparência de que se está enrolando no momento da seleção. Ainda, a situação epistêmica de Holmes é melhor do que a de Watson, na medida em que restrições significativamente mais austeras são exigidas para constituir a crença de Watson como conhecimento. Pelo menos nisto o homem mais esperto tem uma vantagem epistêmica.

Não está claro, contudo, que Holmes possa sustentar essa vantagem. Podemos supor que Watson classifique vinhos com segurança como *fura-tripa*, *vinho de mesa* e o que ele chama de “*produto de safra*”, e que suas crenças sobre a qualidade dos vinhos se derivam de cadeias causais. Assim, de acordo tanto com teorias confiabilistas quanto com causais, Watson sabe, quando ele está bebendo fura-tripa.

Holmes não conhece nada do tipo. “Fura-tripa” não faz parte do seu repertório conceitual, e por isso ele não formula nenhuma crença sobre fura-tripa. Como crença é exigida para o conhecimento, Watson sabe alguma coisa sobre a experiência compartilhada que Holmes não sabe. Além disso, Holmes leva à degustação de vinhos uma pletera de distinções refinadas e delicadas. O primeiro gole o convence que ele está tomando um Thunderbird 1986, feito de uma vinha estrondosamente inferior que cresce em terrenos baldios ao lado da auto-estrada de Santa Mônica, um vinho envelhecido por uma semana em um tanque plástico usado

previamente para lavar meias suadas. Holmes, com suas categorias perceptuais e conceituais mais sensíveis, parece estar em posição de saber muito mais do que Watson. Sendo capaz de formular mais hipóteses, ele tem mais candidatos a conhecimento do que Watson.

O problema é o seguinte: quanto mais distinções um sistema de categorias admite, menor é a diferença entre categorias adjacentes. Na medida em que refinamos nossos esquemas conceituais, aumentamos nossas chances de erro. Embora Holmes possa costumeiramente dizer a safra do vinho que está bebendo, tanto quanto qualquer outra pessoa ele é falível. As diferenças perceptíveis entre as safras são frequentemente sutis e difíceis de discernir. Condições comuns – os princípios de um resfriado, um copo mal enxugado, a desatenção de um momento, uma sala abafada – pode enganar o mais sensível paladar, levando o degustador a confundir um Margaux com um Saint Julien. Então a crença verdadeira de Holmes de que ele está bebendo um Margaux não rastreia verdade muito longe. Fosse ele vítima de tais contingências, pensaria estar bebendo um vinho quando na verdade bebia outro. As fontes de erro aqui não são construções hiperbólicas ou possibilidades remotas, mas eventualidades cotidianas. Assim elas não podem ser legitimamente excluídas pela circunscrição do leque de alternativas relevantes. Do ponto de vista confiabilista, Holmes não conhece, nem qualquer pessoa cujos julgamentos são vulneráveis a tais contingências. Quanto mais delicadas nossas distinções, mais facilmente as circunstâncias conspiram para confundir o julgamento. Logo, se refinamos nossas categorias, estreitamos nossa perspectiva de conhecimento.

Teorias causais parecem se sair melhor aqui, sendo indiferentes às contrafactuais que provam que a abordagem do confiabilista é equivocada. Se a crença de Holmes que ele está bebendo um Margaux é causada pelo fato de que ele está bebendo um Margaux e se a cadeia causal que resulta nesse conhecimento instancia uma lei da natureza, Holmes sabe que ele está bebendo um Margaux. Parece então que a teoria causal pode acomodar um crescente refinamento conceitual, ficando preocupada somente com a gênese das crenças reais, pois não há um limite *a priori* para a precisão das crenças que podem ser legitimamente geradas.

O problema é que Holmes não é um palerma. Ele está bem ciente sobre as circunstâncias que podem induzi-lo em erro – da disponibilidade de vinhos facilmente tomados por um Margaux, e das condições fisiológicas e ambientais que podem afetar o paladar. E ele se dá conta de que não pode ter certeza de que nenhuma de tais circunstâncias está presente. Isso o faz parar. Embora ele suspeite fortemente que ele está sorvendo um Margaux, ele não pode ser levado a crer plenamente nisso. E sem crença não há conhecimento. Assim, a consciência que Holmes tem da precariedade de sua situação epistêmica o impede de conhecer.

Respeito pela evidência também pode inibir o conhecimento. Suponha que exista algo como percepção extra-sensorial, e que a ausência de evidência para tal faculdade é devida ao fato de que percepções extra-sensoriais genuínas são extremamente difíceis de serem distinguidas de uma variada gama de fontes não-

confiáveis de sugestionamentos.³ Watson e Holmes são na mesma medida extra-sensorialmente perceptivos. Mas Watson é crédulo, e Holmes não. Então Watson acredita nos sinais da PES, descartando sem demora a evidência. Holmes respeita a evidência e os métodos das ciências que a produziram. Assim, ele não dá crédito a suas percepções extra-sensoriais. Embora ele não possa se eximir de experienciá-las, ele se abstém de acreditar nelas, pois não consegue encontrar nenhuma base legítima para as suspeitas que suas percepções produzem. Holmes então não conhece; seus escrúpulos epistêmicos o impedem de formar as crenças necessárias.

Dos pontos de vista causal e confiabilista, Watson conhece. Percepções extra-sensoriais produzem crenças verdadeiras via cadeias causais legítimas, ainda que não reconhecidas. E se a PES é confiável (mesmo se não temos nenhuma razão para acreditar que sim), Watson acreditaria nos produtos dela se fossem verdadeiros, e não e não acreditaria neles via PES se fossem falsos. Dessa forma a ignorância de Watson com relação à evidência o serve bem: ela o autoriza conhecer.

Em resumo, o externalismo favorece o emprego de categorias rudes, pois refinamentos são convites ao erro e à inafiançabilidade. Se nosso objetivo é crer no que é verdadeiro e descrever do que é falso, é razoável restringir as oportunidades para o surgimento de uma crença às situações nas quais verdade e falsidade são facilmente distinguíveis.

O externalismo também favorece a ignorância da evidência. Um sujeito é afetado pela evidência se ela inicia uma cadeia causal ou ativa o mecanismo confiável responsável por sua crença. Mas não há vantagem epistêmica para ele em ser consciente da evidência, pois uma amarra de uma crença não é fortalecida pelo conhecimento por parte do sujeito da constituição dela. Na verdade o conhecimento pode ser perdido pelo empenho em dar à evidência o valor que lhe é devido. Pois a evidência pode desorientar, inibindo a aceitação de crenças verdadeiras e amarradas, e encorajando a aceitação de crenças falsas e desamarradas. O melhor a fazer, então, é deixar a evidência exercer subliminarmente seus efeitos, caso estes sejam essenciais à amarra da crença, e ignorá-la quando não.

Finalmente, o externalismo favorece a falta de reflexão sobre as circunstâncias epistêmicas de alguém. De fato, a ignorância da evidência é apenas um caso particular disso. A consciência das oportunidades para errar e das asserções sobre hipóteses alternativas causam restrições que levam o agente reflexivo a suspender o julgamento. Uma confiança entusiasmada, nascida a partir de uma habilidade para ignorar obstáculos, ainda que seja infundada, provê o sujeito irreflexivo com um estoque atraente de crenças, muitas das quais vêm a ser verdadeiras e amarradas. O sujeito irreflexivo pode ter sucesso ou falhar, dependendo da proporção de crenças verdadeiras e amarradas de seu sistema de opiniões. Mas o sujeito reflexivo é fadado a falhar, pois, a menos que ele queira acreditar, ele não está em posição de conhecer. Ele nem crê no que é verdadeiro e

³ Este exemplo é uma variante de outro desenvolvido por Laurence Bonjour em “Externalist Theories of Empirical Knowledge”, em *Midwest Studies in Philosophy V*, Peter A. French, Theodore E. Uehling Jr. e Howard K. Wettstein (organizadores) (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1980), pp. 53-73.

nem descrê do que é falso; na ausência de suficiente evidência, ele suspende o julgamento.

3. Conhecimento vindo de dentro

O internalismo sustenta que uma afirmação é justificada na medida em que ela é razoável sob a luz do que já é conhecido. A justificação então depende da coerência com um sistema de asserções já aceito.⁴ Alguns tomam estes sistemas como sendo individuais, outros o tomam como algo social. Vou considerar os dois tipos.

O internalismo de Keith Lehrer é individualista.⁵ Ele sustenta que justificação para uma hipótese é uma questão de coerência com um sistema de afirmações que o sujeito já aceita, no sentido de que uma afirmação se torna coerente com um sistema se sua aceitação é mais razoável relativamente àquele sistema do que a aceitação de qualquer outra afirmação rival. A justificação epistêmica não exige, obviamente, coerência com tudo que o sujeito sustenta. Ele pode aceitar afirmações com outros propósitos que não o de conhecimento, e a coerência com estas afirmações não confere nenhum status epistêmico. Se, por exemplo, ele aceita uma doutrina religiosa com base na fé e com o propósito de salvação, a coerência de uma afirmação com esta doutrina seria epistemologicamente irrelevante. O que é exigido para uma justificação epistêmica, Lehrer diz, é que a hipótese seja coerente com afirmações que o sujeito aceita com o propósito de conhecimento. Estas afirmações constituem seu sistema pessoal de aceitação, e ele fica pessoalmente justificado em aceitar qualquer coisa que seja coerente com esse sistema. Mas justificação pessoal não é o suficiente, pois sistemas pessoais de aceitação tipicamente contêm falsidades. E uma afirmação que seja coerente com falsidades anteriormente aceitas não é, por isso, uma candidata viável para conhecimento. Candidaturas são restritas a afirmações que também pertencem ao seu sistema verídico de aceitação—o sistema que resulta quando seu sistema pessoal de aceitação é purgado de todos os erros. Uma asserção que seja coerente com ambos está, Lehrer acredita, completamente justificada para o sujeito. Pois sua justificação não depende essencialmente de qualquer crença falsa, e relativamente às verdades que o sujeito crê ela se torna mais razoável do que suas rivais. Na verdade, do ponto de vista de Lehrer, uma verdade aceita e completamente justificada é conhecimento.

O que é coerente com um sistema estreito pode falhar na coerência com um mais extenso. Então Watson, com seu estreito leque de compreensões, conhece coisas que Holmes, onerado com um mais abrangente, não conhece. Ante a

⁴ Alguns internalistas – como Chisholm – reconhecem afirmações básicas que são supostas serem inerentemente razoáveis. Mas eles reconhecem que a maioria das afirmações não são básicas, e assim a justificação é, na maioria dos casos, uma matéria de coerência. Cf. Roderick Chisholm, *The Foundations of Knowing* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982). Ademais, sua admissão de afirmativas inerentemente razoáveis é problemática. Pois não seria razoável em bases internalistas aceitar uma afirmação básica que entre em conflito com o sistema de fundo apropriado; eu não devo aceitar a asserção de que eu vejo algo vermelho se estou justificadamente convencido que sou cego para cores.

⁵ Keith Lehrer, “The Coherence Theory of Knowledge”, *Philosophical Topics* 14 (1986), pp. 5-25.

observação de um pássaro, Holmes e Watson formam a crença de que se trata de um estorninho. O leque de crenças relevantes de Watson é constituído por verdades acerca dos sinais característicos de estorninhos. Ele não possui nenhuma crença sobre o habitat do pássaro, pois apesar de prestar uma enorme atenção às figuras do manual de observador de pássaros, ele ignora o texto que as acompanha. Dada a informação em seu sistema de aceitação, a crença de Watson está completamente justificada. E já que o pássaro, um fugitivo do zoológico de Londres, é de fato um estorninho, Watson conhece que é. Mas Holmes não. Embora ele também reconheça que o pássaro em questão tem as características de um estorninho, compreende que não é provável que tais pássaros, sendo nativos da África equatorial, sejam encontrados em Baker Street. Então, relativamente ao sistema de aceitação de Holmes, é pelo menos tão razoável suspeitar que eles avistaram um pássaro local com características estranhas. A ignorância de Watson, portanto, o permite conhecer o que Holmes não pode. O fato que impede Holmes de conhecer, sendo externo ao sistema de aceitação de Watson, não pode minar a justificação de Watson.⁶

O ponto não é que Watson se beneficia da ignorância de um fato específico, e neste caso enganador. É mais: sistemas relativamente pobres podem ser melhores fontes de conhecimento do que sistemas mais ricos. Watson pode apelar somente para características externas de modo a determinar para que tipo de pássaro ele está olhando. Ainda assim, suas fontes são suficientes para uma justificação completa e para o conhecimento. O sistema de Holmes inclui informações sobre características externas e sobre habitat. Então coerência com o sistema de Holmes é mais difícil de ser alcançada. Mas alcançá-la não dá a Holmes mais do que Watson já tem— completa justificação e (freqüentemente) conhecimento. Quando, como no caso presente, crenças sobre habitat minam uma identificação baseada em características externas, Holmes não está justificado em aceitar nenhuma identificação. Watson pode então saber o que o pássaro é, e Holmes com certeza não. Assim, se um sistema de aceitação é suficiente para gerar conhecimento acerca de um objeto, informação adicional sobre esse objeto é ociosa e potencialmente nociva. Sua incorporação ao sistema aumenta a dificuldade para se obter coerência, tornando mais difícil conhecer.

Isso sugere que Holmes poderia proteger sua justificação e melhorar suas perspectivas epistêmicas isolando seu sistema de refutadores potenciais. Enquanto ele se mantiver ignorante sobre História, por exemplo, sua justificação não pode ser minada por desafortunados precedentes históricos. Lehrer sugere, no entanto, que tal protecionismo auto-consciente seria incompatível com a busca por conhecimento. “Uma pessoa que procura a verdade de uma forma imparcial e desinteressada não irá arbitrariamente restringir suas crenças dessa forma.”⁷ Obviamente, tal protecionismo não é arbitrário. Dada a meta do conhecimento, isso parece uma estratégia razoável aceitar o mínimo exigido para se gerar crenças verdadeiras completamente justificadas. Pois, como mostra a surpreendente situação em que se encontra

⁶ Cf. Carl Ginet, “Knowing Less by Knowing More”, em French, Uehling e Wettstein, *Midwest Studies in Philosophy V*, pp. 151-162.

⁷ Keith Lehrer, *Knowledge* (Oxford: Oxford University Press, 1974), p. 209.

Holmes, incluir informações supérfluas é chamar problemas. Ainda, se tais restrições intencionais no escopo de seu sistema de aceitação são arbitrárias, Holmes não poderia, acredita, Lehrer, adotar a postura de Watson sem abandonar a busca de conhecimento.

Mas Watson chega a suas limitações naturalmente. Assim, seus motivos como um buscador de conhecimento não podem ser impugnados por causa de sua falha em incorporar certa informação em seu sistema de aceitação. De fato, ele pode ser incapaz de fazê-lo. Suponha que a crença confusiva de Holmes deriva de uma complexa generalização estatística correlacionando a intensidade da coloração de um pássaro com a temperatura média do ambiente – uma generalização da qual segue que é improvável que um pássaro brilhantemente colorido como um estorninho seja encontrado em um clima temperado. Watson não conhece a generalização; além disso, ele não entenderia ou apreciaria suas implicações se fossem comunicadas a ele. Assim nem ela nem sua negação podem entrar em seu sistema de aceitação. Como resultado, a generalização não pode refutar qualquer uma de suas crenças completamente justificadas. Pois crenças epistemicamente inacessíveis são, para o internalista, epistemicamente inertes. Então é sua estupidez, e não apenas sua ignorância, que habilita Watson a conhecer o que o mais inteligente Holmes não pode.

Como o externalismo, o internalismo individualista favorece o emprego de categorias grosseiras, onde as diferenças são descaradas e a verificação de se uma coisa cai ou não em uma categoria é facilmente feita. Uma aplicação razoavelmente conscienciosa de tal sistema tipicamente produz conhecimento. Mas quando sistemas de categorias admitem distinções sutis, é muito mais difícil alcançar conhecimento. É razoavelmente fácil dizer se algo é um pássaro, e razoavelmente difícil dizer se ele é um caminheiro das árvores. Assim, já que Watson gosta de fazer hipóteses no nível de

x é um pássaro,

é provável que ele gere uma boa quantidade de conhecimento (trivial). E como Holmes faz distinções mais finas, ele passa por mais dificuldades. Frequentemente nenhuma classificação no nível de espécies, por exemplo, é a mais razoável; e então nenhuma se torna coerente com seu sistema pessoal de aceitação. Além do mais, se uma alternativa de fato prevalece, ela não está apta a bater sua competidora por muito. E assim a menor imprecisão em suas crenças relevantes de fundo pode excluí-la de seu sistema de verificação de verdade.

Se a única diferença discernível que Holmes reconhece entre um caminheiro das árvores é um caminheiro dos prados é que o primeiro é ligeiramente mais roliço do que o último, sua justificação é inválida caso ele esteja minimamente enganado sobre o quão roliço se espera que um caminheiro das árvores seja. Assim é provável que Watson saia de uma expedição de observação de pássaros com muito mais conhecimento que Holmes. Pois Watson terá formado muitas crenças completamente justificadas:

x_1 é um pássaro,
 x_2 é um pássaro,
...
 x_n é um pássaro.

Holmes, havendo tentado classificações mais precisas de x_1, \dots, x_n , terá encontrado [1] alguns pássaros que ele não pode identificar, [2] alguns cuja identificação ele não estava pessoalmente justificado em aceitar, [3] alguns cujas identificações ele não estava completamente justificado em aceitar, e [4] alguns cujas identificações ele estava completamente justificado em aceitar, mas que eram, porém, falsas. De fato, dadas as circunstâncias, Holmes poderia razoavelmente se abster de aceitar quaisquer asserções nesse nível de refinamento. Como ele deseja descrer de falsidades assim como crer em verdades, seria sábio que ele suspendesse o julgamento onde a expectativa de erro se agigantasse. Aqui, novamente, parece racional reverter à estância mais segura de Watson. Pois Watson cumpre a meta de descrer de falsidade e de crer em verdades muito melhor do que Holmes.

Pode-se duvidar disto. Pode parecer que Holmes, tendo um repertório cognitivo mais rico, está em posição de formar mais crenças verdadeiras justificadas com sucesso do que Watson. Se for assim, ele sabe mais do que Watson, mesmo se Watson conhece algumas coisas que Holmes não conhece. Mas a premissa é falsa, pois Watson pode gerar crenças verdadeiras justificadas pelo menos tão rapidamente quanto Holmes. Obviamente, as de Watson tenderão a ser triviais, banais e insossas, enquanto as de Holmes são freqüentemente originais, interessantes e importantes. Mas a epistemologia contemporânea não tem os recursos para fazer distinções entre crenças importantes e sem importância. E então ela não tem base para determinar que as crenças verdadeiras justificadas de Holmes são epistemicamente melhores do que as de Watson.

Relutamos em creditar Watson com conhecimento porque ele negligencia informação que parece claramente relevante à justificabilidade de suas crenças. Mas não podemos culpá-lo simplesmente por ignorar informação que tem relação com o tópico de seu interesse; tais informações são inexauríveis, e algumas delas estão destinadas a serem ignoradas. Se consideramos como justificadas as crenças de Holmes, é porque pensamos que ele levou em conta o suficiente. Ele não negligenciou nenhuma informação importante e nenhuma inferência significativa.

Mas se levar o suficiente em conta não é levar tudo em conta, e também não é levar em conta somente o que o sujeito considera relevante, como isso é determinado? Gilbert Harman sugere que “suficiente” aqui é uma questão social – que os padrões da comunidade epistêmica decidem que padrões são importantes, que inferências são significativas, e o quanto é exigido de forma a se conhecer.⁸ Já que o conhecimento é uma conquista cognitiva ordinária, e não extraordinária, os padrões em questão devem ser aqueles que membros normais da comunidade normalmente

⁸ Gilbert Harman, *Thought* (Princeton: Princeton University Press, 1973), pp. 142-154.

encontram. A justificação de Watson é então inadequada quando ela omite razões que membros normais da comunidade evocariam normalmente para justificar tal crença.

A socialização da justificação tem duas conseqüências dignas de nota. Primeiro, a justificabilidade varia com os padrões da comunidade. A crença de Holmes pode ser justificada de acordo com os padrões de uma comunidade epistêmica e deixar de ser justificada de acordo com os padrões de outra. E variabilidade nas exigências para a justificação resulta em variabilidade no conhecimento.⁹ Holmes conhece relativamente a um conjunto de padrões, mas não conhece relativamente a outro. Além disso, relativamente a uma comunidade com padrões suficientemente frouxos ou peculiares, Watson tem também justificação e conhecimento.

Segundo, acessibilidade epistêmica é construída socialmente. Recursos epistêmicos contam como acessíveis se eles estão disponíveis a membros normais da comunidade, mesmo se as peculiaridades da situação de um indivíduo os tornam inacessíveis a ele. Segue-se que informação que o sujeito não possui e inferências que ele não extrai podem refutar sua justificação se essa informação é conhecida a, ou essas inferências extraídas por, membros normais da comunidade. O fato bastante conhecido que Londres é um lugar inóspito para aves tropicais pode refutar a justificação de Watson, mesmo se ele não está consciente desse fato: a partir da extrema improbabilidade de se encontrar uma ave tropical em Baker Street, pode-se inferir com facilidade que é irracional a crença de que uma ave tropical foi encontrada em Baker Street, e mesmo que ele não faça esta inferência, a justificação que ele tinha para a crença fica invalidada.

Como Holmes mais do que satisfaz os padrões da comunidade, seu sucesso epistêmico pode parecer assegurado. Mas não; porque se sobressai ele se vê em dificuldades.

Sendo um agudo pensador, Holmes infere validamente que as flutuações recentes no preço dos grãos desacredita a afirmação de que o primeiro ministro mentiu sobre as expectativas de paz. Membros normais da comunidade não têm a agudeza de reconhecer a relevância dos preços dos grãos para a afirmação do primeiro ministro, e extrair disso a conseqüência apropriada. Assim, as considerações que Holmes faz são herméticas demais para minar a justificação social para a afirmação. No final das contas o primeiro ministro de fato mentiu; os indicadores econômicos são enganadores. Como membros normais da comunidade não são dados a considerar esses indicadores, sua justificação é intacta. Assim eles conhecem que o primeiro ministro mentiu. O que dizer sobre Holmes? Se ele precisa apenas satisfazer os padrões da comunidade, “O primeiro ministro mentiu” é justificado para ele, já que ele conhece todas as informações que justificam membros normais da comunidade em suas crenças. Mas ele paga por sua justificação [que leva em conta os indicadores econômicos] sacrificando sua crença. Compreendendo que a evidência do preço dos grãos desacredita a justificação da comunidade, ele não

⁹ Stewart Cohen, “Knowledge and Context”, *Journal of Philosophy* 83 (1986), p. 579.

pode se considerar justificado em acreditar que o primeiro ministro mentiu. Então, sendo racional, ele não crê nela. E sem crença não há conhecimento.

Porque ele é mais esperto do que os outros, Holmes é, querendo ou não, refutável segundo padrões mais exatos. Ele não pode ignorar verdades dentro de seu alcance só porque outros são incapazes de apreciar sua significância. Holmes, então, falha em conhecer, embora seus colegas intelectualmente inferiores sejam bem sucedidos.

Novamente, se as categorias de Holmes são mais refinadas do que as usadas em geral pela comunidade, seus julgamentos não podem ser sustentados pelos padrões da comunidade. Mas sem padrões socialmente compartilhados para sua justificação, estes julgamentos não são candidatos a conhecimento. A sensibilidade adicional conceitual e perceptual de Holmes não o habilita, então, a conhecer o que membros normais da comunidade não conseguem conhecer. De fato, as exigências sociais para a justificação são tais que fica impossível para alguém conhecer o que membros normais da comunidade não conseguem conhecer.

Já que o internalismo [social] toma o conhecimento como relativo a uma comunidade epistêmica, pode parecer que ele tem o recurso para evitar estes resultados inconvenientes. Não podemos dar a Holmes o que lhe é devido avaliando suas crenças em termos dos padrões de uma comunidade mais inteligente e sensível? A dificuldade é que *qualquer* comunidade epistêmica terá membros cujas capacidades cognitivas excedem a norma. Então o "problema de Holmes" permanecerá, não importa como ajustemos as condições de filiação à comunidade epistêmica relevante.

Então o internalismo, social ou individual, favorece a conformidade e um tipo de minimalismo cognitivo. As perspectivas epistêmicas de uma pessoa são melhores se seu sistema de opiniões inclui apenas o que é necessário para justificar suas crenças. Informação adicional e capacidades maiores não produzem nenhuma vantagem epistêmica, e elas têm a capacidade de minar a justificação que o sistema minimal supre.

4. Conhecimento posto de lado

Deveria estar óbvio agora que o que causa problemas a Holmes é endêmico à epistemologia contemporânea. E isso não é surpresa, pois resulta de características que seus proponentes contam como virtudes de suas teorias—características que dão a capacidade de trabalhar, de uma forma ou de outra, com menos do que justificação ideal. As próprias limitações sobre as exigências para conhecimento, que tornam possível para os Watson do mundo conhecerem, tornam o conhecimento mais difícil para indivíduos como Holmes.

Esta conclusão não deveria ser interpretada como um contra-exemplo para as teorias populares correntes. Pelo menos em alguns casos parece razoável acreditar que Watson sabe mais do que Holmes. O homem sem refinamentos, dotado de um senso comum sólido e desinteressante, sem problemas com sutilezas, pode conhecer o que é o quê, enquanto a inteligência mais sensível e bem afinada é distraída por

nuances. E também não é provável que uma condição extra para o conhecimento possa fazer a balança pender para o lado da inteligência. Pois tentar isto seria mover-se novamente na direção de uma justificação ideal, de volta às armadilhas do cético.

O que o predicamento de Holmes mostra, creio eu, é que o conhecimento, como as teorias contemporâneas o concebem, não é e não deve ser o nosso objetivo cognitivo mais importante. Pois trata-lo como tal é desvalorizar excelências cognitivas tais como sensibilidade conceitual e perceptual, agudeza lógica, amplitude e profundidade de entendimento, e a capacidade de distinguir das triviais as verdades importantes. Mesmo quando Watson conhece mais do que Holmes, ele não parece estar em melhor situação cognitiva.

Isso sugere que é insensato restringir a epistemologia ao estudo do que as teorias contemporâneas contam como conhecimento. O que se quer é um amplo estudo de excelências cognitivas de todo tipo, e das maneiras pelas quais elas contribuem ou interferem com as realizações umas das outras. Os frutos de tal estudo podem nos habilitar a entender como Sócrates, não sabendo nada, poderia ser o mais sábio dos homens.

Tradução: Frederico Lopes

Revisão: Romulo de Campos Lins – UNESP/Rio Claro